



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

JAMILY ALVES DA SILVA

ANÁMNESIS NO MÊNON DE PLATÃO

**CAMPINA GRANDE
2017**

JAMILY ALVES DA SILVA

ANÁMNESIS NO MÊNON DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito necessário à obtenção do título de Graduada em Filosofia (Licenciatura).

Área de concentração: História da Filosofia Antiga.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Solange Maria Norjosa Gonzaga

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Jamily Alves da.
Anámnese no Mênon de Platão [manuscrito] : / Jamily Alves da Silva. - 2017.
33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Solange Maria Norjosa Gonzaga, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Platão. 2. Filosofia Crítica. 3. Anámnese.

21. ed. CDD 142

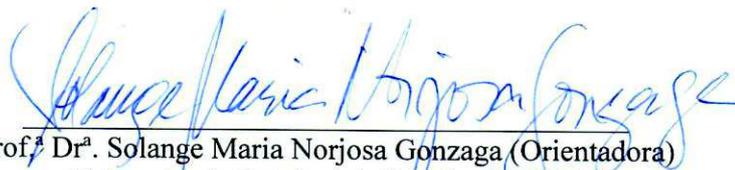
JAMILY ALVES DA SILVA

ANÁMNESIS NO MÊNON DE PLATÃO

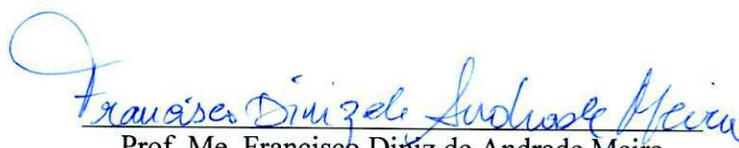
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito necessário à obtenção do título de Graduada em Filosofia (Licenciatura).

Aprovada em: 14/dezembro/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Solange Maria Norjosa Gonzaga (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francisco Diriz de Andrade Meira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Oscar de Lira Carneiro
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

AGRADECIMENTOS

Imensamente, aos meus pais, José e Marley, por me proporcionarem todo o apoio e amparo desde sempre.

À professora Solange Maria Norjosa Gonzaga, orientadora desse trabalho, pela atenção, paciência, dedicação e, sobretudo, pela Amizade.

À professora Ana Paula Bispo da Silva do Departamento de Física da UEPB, orientadora nos trabalhos da Iniciação Científica que tive a oportunidade de participar.

Aos professores do curso de Filosofia, pelos ensinamentos e, principalmente, pelo direcionamento à reflexão filosófica.

Aos colegas de curso que se tornaram queridos amigos, especialmente, César, Janaina, Ambrozina, Conceição e Hélio.

À professora Gorette Lucena por todo o acolhimento e, principalmente, pelas importantes contribuições para este trabalho.

A Luciano Leite, pelo afeto e pelo companheirismo em todos os momentos.

“(…) Mas que, acreditando que é preciso procurar as coisas que não se sabem, seríamos melhores, bem como mais corajosos e menos preguiçosos do que se acreditássemos que, as coisas que não conhecemos, nem é possível encontrar nem é preciso procurar – sobre isso lutaria muito se fosse capaz, tanto por palavras quanto por obras” (*Mênon* 86b - c)

RESUMO

Nossa pesquisa examina o que é *Anámnesis* (ἀνάμνησις) no diálogo *Mênon* de Platão. Neste diálogo, Platão se refere à *Anámnesis* por meio do argumento “Pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração” (*Mênon* 81d¹), tendo como base o mito da imortalidade da alma propagado pelos sábios antigos. No entanto, questionamos de que modo o procurar e o aprender podem ser uma recordação de algo previamente adquirido em vidas anteriores, pois observamos que a famosa passagem do *Mênon*, a conversa do escravo, mostra que a aprendizagem é imediata através dos questionamentos de Sócrates. Dado este fato, percebemos que a *Anámnesis* está relacionada à rememoração de noções universais.

Palavras-Chave: *Anámnesis*. *Mênon*. Platão.

¹ PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

ABSTRACT

Our research examines what is Anamnesis (ἀνάμνησις) in Plato's *Ménon* dialogue. In this dialogue, Plato refers to Anamnesis through the argument "For it seems that seeking and learning are in their totality a remembrance" (*Ménon* 81d), on the basis of the myth of the immortality of the soul propagated by the ancient sages. However, we question how searching and learning may be a reminder of something previously acquired in earlier lives, for we note that the famous passage of the *Ménon*, the slave conversation, shows that learning is immediate through Socrates' questioning. Given this fact, we realize that the Anamnesis is related to the rememoration of universal notions.

Keywords: Anamnesis. *Ménon*. Plato.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	08
2.	DE QUE TRATA O <i>MÊNON</i>?	10
2.1	“E QUEM SÃO OS QUE FALAM?”	12
3.	<i>ANÁMNESIS NO MÊNON</i>	15
3.1	<i>ANÁMNESIS: A MAIÊUTICA COM O ESCRAVO</i>	17
4.	<i>ANAMNÉSIS NOS DIÁLOGOS PLATÔNICOS</i>	24
5.	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa examina o que é *Anámnesis* (ἀνάμνησις) no diálogo *Mênon* de Platão. Neste diálogo, Platão se refere à *Anámnesis* por meio do argumento “Pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma memorização” (*Mênon* 81d²), tendo como base o mito da imortalidade da alma propagado pelos sábios antigos. No entanto, questionamos de que modo o “procurar e o aprender” podem ser a memorização de conhecimentos adquiridos em vidas anteriores, pois observamos que a famosa passagem do *Mênon*, a conversa com o escravo, mostra que a aprendizagem é imediata através dos questionamentos de Sócrates. Dado este fato, percebemos que a *Anámnesis* está relacionada à memorização de noções universais.

Segundo F. M. Cornford, célebre intérprete da filosofia antiga, em sua obra *Principium sapientiae: As origens do pensamento filosófico grego*, “O *Mênon*, que se pode com segurança considerar a primeira das cinco obras acima mencionadas [*Mênon*, *Simpósio*, *República*, *Fedro*, *Fédon*], trata da maneira como é adquirido o conhecimento” (1989, p.71).

Diante das traduções disponíveis, preferimos especialmente a versão da Maura Iglésias³, tanto por melhor possibilitar o entendimento do diálogo, quanto por conter o texto grego, o que motivou a nossa curiosidade em identificar algumas das palavras-chave do diálogo, tais como: *anámnēsis* (ἀνάμνησις), *aporia* (ἀπορία), *areté* (ἀρετή), *eidos* (εἶδος), *psiqué* (ψυχή). No desenvolvimento desse trabalho, usamos *Mênon* em itálico quando nos referimos ao diálogo e normal quando nos referimos ao personagem.

No tocante à localização do *Mênon* na obra platônica, a ordem cronológica atualmente aceita, distingue três grupos de diálogos: iniciais (da juventude ou socráticos), intermediários (da maturidade) e últimos (finais ou velhice), o *Mênon*, matéria desse trabalho, ocupa o início do segundo grupo. O *Mênon* possui características tanto dos diálogos iniciais, associados ao pensamento do Sócrates histórico e em busca de uma definição, quanto outras influências não relacionadas diretamente a Sócrates, tais quais, a crença pitagórica na imortalidade da alma, fundamento para a teoria da reminiscência, e o método de hipóteses (IGLÉSIAS, 2001, p. 11-12).

² *Ibidem.*

³ *Ibidem.*

Em relação à data do *Mênon*, especialistas indicam 402 a.C. O diálogo é composto por quatro personagens, Ânito⁴ e seu hóspede Mênon, escravo de Mênon e Sócrates. O diálogo tem como provável cenário a ágora ou o ginásio. O Mênon do diálogo nasceu na cidade de Farsalo, na Tessália, e era de família nobre, que, aliás, mantinha relações com a Pérsia e com Atenas (IGLÉSIAS, 2001, p. 14-16).

Oscar de Lira Carneiro registra em sua tese que, “Para a história do conhecimento o *Mênon* é, sem dúvida, uma obra seminal”. (2008, p.13). Embora o problema do conhecimento já tivesse sido abordado pelos filósofos precedentes, foi Platão quem primeiro o propôs de modo específico e definitivo, e que está no *Mênon* a primeira resposta a esse problema, que seria precisamente, o conhecimento como uma forma de *Anamnese*, recordação (REALE e ANTISERE, 2003, p. 146). Por isso, na filosofia platônica a *Anámnese* se destaca como um tema extremamente importante, visto que está relacionada a teoria do conhecimento.

Consultando o vocábulo *Anámnese* no *Dictionnaire Grec Français* de Bailly, percebemos que, em grego se diz (*ἀνάμνησις*), e que significa: “action de rappeler à la mémoire, d’où souvenir⁵” isto é, ação de chamar a memória e, portanto, lembrar.

No primeiro capítulo apresentamos de que se trata o diálogo *Mênon*, apresentando o questionamento que dá início ao diálogo. No subtópico, deste capítulo, expomos ainda quem são os sábios que Sócrates se refere ao citá-los como fonte de sua exposição sobre a *Anámnese*. No segundo capítulo iniciamos a análise da *Anámnese* no *Mênon*.

No terceiro capítulo analisamos a *Anámnese* especialmente a partir da passagem em que Sócrates conversa com o escravo de Mênon. Neste capítulo, buscamos ressaltar os elementos que contribuem para entendermos o ensino socrático com o escravo. Percebemos que a *Anámnese* no *Mênon* sugere uma interpretação relacionada às noções universais.

No quarto capítulo verificamos as ocorrências da palavra *Anámnese* nos diálogos platônicos: *Fédon*, *Fedro*, *Filebo* e *As Leis*, através do registro de Édouard Des Places em sua obra *Léxique de La Langue Philosophique et Religieuse de Platon* (1970), com o objetivo de identificar semelhanças com as noções do *Mênon*. Em nossas conclusões apresentamos uma interpretação possível na *Anámnese* no *Mênon* de Platão.

⁴ “Um dos três acusadores de Sócrates, certamente o mais poderoso deles, no processo que resultou em sua condenação à morte” (IGLÉSIAS, 2001, p.16).

⁵ BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Edition revue par Leon Séchan e Pierre Chantraine. Paris, Hachete, 1984. p.131.

2. DE QUE TRATA O *MÊNON*?

Segundo Werner Jaeger (1995, p.698), clássico helenista e historiador alemão, em diálogos anteriores ao *Mênon*, Platão buscou chegar ao conhecimento da *areté* (ἀρετή) por diversos caminhos. Todavia, todos os caminhos conduziram à consciência de que todas as qualidades chamadas virtudes, dentre as quais: a justiça, a piedade, a prudência, são partes da mesma virtude, além de que, a essência da virtude é, em si mesma, um saber.

O *Mênon* inicia com a seguinte pergunta, “MEN. Podes dizer-me, Sócrates: a virtude é coisa que se ensina?” (*Mênon* 70a⁶), ao que Sócrates responde, “SO. (...) mas estou longe de saber se ela se ensina ou não, que nem sequer o que isso, a virtude, possa ser, me acontece saber, absolutamente.” (*Mênon* 71a⁷). Através da resposta em que Sócrates afirma que não sabe o que é a virtude, a questão do diálogo passa a ser “que é virtude?”. A partir desse momento as personagens se empenham para saber essa definição. No decorrer do diálogo as respostas de Mênon foram sendo refutadas por Sócrates, o que demonstrou a influência sofística sobre a educação de Mênon:

MEN. (...) é esta a virtude do homem: ser capaz de gerir as coisas da cidade, e, no exercício dessa gestão, fazer bem aos amigos e mal aos inimigos, e guardar-se ele próprio de sofrer coisa parecida. (...) a virtude da mulher, não é difícil explicar que é preciso a ela bem administrar a casa, cuidando da manutenção de seu interior e sendo obediente ao marido (...) E há muitíssimas outras virtudes, de modo que não é uma dificuldade dizer, sobre a virtude, o que ela é. (*Mênon* 71e-72a⁸).

Górgias de Leontini foi quem ensinou Mênon a distinguir a virtude do homem e a da mulher, a do adulto e a da criança, até mesmo a do homem livre e a do escravo (JAEGER, 1995, p.701).

Sócrates em contrapartida ignora por completo o desfile de virtudes que Mênon apresenta e afirma “SO. Embora sejam muitas e assumam toda variedade de formas, **têm todas um caráter único**, <que é> o mesmo, graças ao qual são virtudes (...)” (*Mênon* 72c⁹. grifos nossos). Sócrates está tentando compreender o que é que faz a prudência, a justiça, a piedade e outras, a serem virtudes. Por isso, argumenta que deve haver algo em todas as virtudes que as una e faça com que sejam virtudes.

Para facilitar a pesquisa acerca da virtude, Sócrates fornece alguns paradigmas como o da figura, “SO. [...] ‘o que é a figura, Mênon?’; se lhe disseses que é a redondez, e se ele te

⁶ PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

perguntasse aquilo precisamente que eu perguntei: ‘a redondez é a figura ou uma figura?’, dirias, sem dúvida, não é?, que é uma figura” (*Mênon* 74b¹⁰). Apresentado este paradigma, o que se busca é, “SO. (...) não compreendes que procuro <aquilo que é> o mesmo em todas as coisas?” (*Mênon* 75a¹¹. grifos nossos). Ou seja, a definição da virtude precisa ser uniforme, isto é, que englobe em si todas as virtudes e que sobressaia aquilo que faz com que todas sejam virtudes.

Mênon, no entanto, mesmo tendo recebido o raciocínio socrático para fundamentar a sua definição, não conseguiu mais argumentar, ficando em completo estado aporético, “MEN. E agora, está-me parecendo, me enfeitiças e drogas, e me tens simplesmente sob completo encanto, de tal modo que me encontro repleto de aporia (*Mênon* 80a¹²). Além disso, Sócrates é comparado a um peixe elétrico, tanto por suas características físicas quanto pelo poder de deixar os outros em aporia:

MEN. E, se também é permitida uma pequena troça, tu me pareces, inteiramente, ser semelhante, a mais não poder, tanto pelo aspecto como pelo mais, à raia elétrica, aquele peixe marinho achatado. Pois tanto ela entorpece quem dela se aproxima e a toca, quanto tu pareces ter-me feito agora algo desse tipo. Pois verdadeiramente eu, de minha parte, estou entorpecido, na alma e na boca, e não sei o que te responder. (*Mênon* 80a - b¹³).

Sócrates, por sua vez, admite que, “SO. (...) se a raia elétrica, ficando ela mesma entorpecida, é assim que faz também os outros entorpecer-se, eu me assemelho a ela; se não, não. Pois não é sem cair em aporia eu próprio que faço cair em aporia os outros” (*Mênon* 80c¹⁴). Por consequência desse estado aporético Mênon põe em cena o argumento erístico:

MEN. E de que modo procurarás, Sócrates, aquilo que não sabes absolutamente o que é? Pois procurarás propondo-te <procurar> que tipo de coisa, entre as coisas que não conheces? Ou, ainda que, no melhor dos casos, a encontres, como saberás que isso <que encontre> é aquilo que não conhecias? (*Mênon* 80d¹⁵).

Imediatamente Sócrates discorda dessa posição de Mênon, pois ela impossibilita a aquisição de novos saberes assim como contesta o que se venha a saber. Para fundamentar a sua rejeição, Sócrates toma como base as palavras de alguns sábios e poetas para argumentar a favor de sua posição. É nesse instante do *Mênon* que a *Anámnese* começa a ganhar cenário:

SO. (...) Pois ouvi homens e também mulheres sábios em coisas divinas. MEN. <Homens e mulheres> que dizem que palavras? SO. Palavras verdadeiras – a mim pelo menos parece – e belas. MEN. Que palavras <são> essas? E quem são os que falam? SO. Os que falam são todos aqueles entre os sacerdotes e sacerdotisas a

¹⁰ *Ibidem.*

¹¹ *Ibidem.*

¹² *Ibidem.*

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ *Ibidem.*

¹⁵ *Ibidem.*

quem foi importante poder dar conta das coisas a que se consagram. E também fala Píndaro e muitos outros, todos os que são divinos entre os poetas (*Mênon* 81a-b¹⁶).

Nas primeiras palavras Sócrates já apresenta a fonte da sua exposição: sacerdotes, sacerdotisas e poetas, dentre os quais, Píndaro. A partir desse momento Sócrates tem como prioridade se empenhar em combater o argumento erístico defendido por Mênon, e a questão sobre a virtude é retomada após convencê-lo disso. Contudo, quem são esses sábios e o que representam? No capítulo a seguir discorreremos sobre eles.

2.1 “E QUEM SÃO OS QUE FALAM¹⁷?”

Segundo Walter Burkert¹⁸, especialista em mitologia grega, a religião grega é praticamente uma religião sem sacerdotes. Isso porque não há uma iniciação, formação e hierarquia rígidas, nem mesmo existe uma classe de sacerdotes como um grupo fechado com uma tradição. Até mesmo nos cultos estabelecidos não existe qualquer disciplina, o que predomina é o *nómos* (costume). Além disso, o sacerdócio, na Grécia, é um cargo adicional, um lugar de honra e não uma forma de vida, mas que confere grande prestígio. Aqueles que são mais devotos tem veneração pelos sacerdotes, até mesmo no teatro há lugares reservados para eles. As sacerdotisas, geralmente ocupam os cargos nos casos de templos de deusas, e os sacerdotes no caso de templo de deuses, todavia, há exceções. Como por exemplo, Atena Pólias, em Atenas, não tem como sacerdotisa uma virgem, mas uma mulher madura que deixou para trás a relação matrimonial. Já no culto de Deméter são correntes os sacerdotes (1993, p. 199-206).

Para termos uma imagem dos sacerdotes e das sacerdotisas, “a maior parte das vezes tem cabelo comprido, uma fita para o cabelo (*strófiōn*), uma coroa, vestes preciosas brancas ou purpúreas, um cinto característico, um bastão na mão” (BURKERT, 1993, p. 204). Assim, em virtude de seus cargos nos templos dos deuses, os sacerdotes e as sacerdotisas representavam de alguma forma a divindade, por isso, as suas falas eram recebidas com atenção. Daí o fato de Sócrates afirmar que ouviu deles palavras verdadeiras e belas.

Jean-Pierre Vernant, helenista, historiador e estudioso da antropologia da Grécia antiga, reafirma que “É pela voz dos poetas que o mundo dos deuses, em sua distância e sua

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ BURKERT, Walter. **Religião grega na época clássica e arcaica**. Tradução de Manuel José Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

estranheza, é apresentado aos humanos, em narrativas que põem em cena as potências do além revestindo-as de uma forma familiar, acessível à inteligência.” (2006, p.13).

Assim, os poetas também possuíam atribuições importantes como os sacerdotes e as sacerdotisas. Entendem-se aqui os poetas como intérpretes do mundo e da língua divina para a compreensão humana. Todavia, conseqüentemente, uma questão se coloca: de que maneira os poetas tinham acesso ao distante mundo divino a ponto de reproduzir narrativas no mundo humano? Seria por inspiração divina?

Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra, tradutoras da *Teogonia* de Hesíodo, afirmam que os profetas são inspirados pelo deus; já os poetas, por *Mnemósine*¹⁹ (Memória), Mãe das Musas, que lhes dá o poder de saber as coisas, por isso, explica-se esse poder como divinatório. A Mãe das Musas encaminha os poetas para um estado de entusiasmo, em que ensina a Verdade (alethéia) e traz o passado como fonte do presente. O poeta volta-se para o passado e nos transmite determinado repertório de conhecimentos que permite ao homem decifrar o seu passado, diferentemente do adivinho, que está voltado para o futuro (1979, p.16). A divina *Mnemósine* inspira determinados conhecimentos aos poetas e, estes tomados por esse poder, possibilitam ao homem desvendar o seu passado. Nesse caso, a *Mnemósine* torna-se a fonte de conhecimentos dos poetas e por meio dela também há uma interpretação para da *Anámnesis*:

(...) A anámnesis (reminiscência) pode ser vista em Hesíodo pelo prisma da moral. Um tempo olímpico, dividido em ciclos, com características próprias, com suas injustiças e desacertos, é permitido – através da Memória – ser vislumbrado pelos homens, para que aprendam, recordando-se²⁰

A *Anámnesis* para Hesíodo, segundo as suas tradutoras, depende da *Mnemósine*, deusa que permite aos homens vislumbrar os tempos passados com todas as suas características e com eles aprender. Por isso, entende a *Anámnesis* associada a moral, ao bem e ao mal. Voltar ao passado guiado pela memória permite ao homem conhecer os atos bons e ruins já praticados, assim como as suas conseqüências para a vida do homem. Além disso, a *Mnemósine* permite o esquecimento dos males e a trégua das preocupações:

Se um homem traz o luto em seu coração inexperiente à dor, e sua alma definha no desgosto, logo que um cantor, servo das Musas, celebra os altos feitos dos homens

¹⁹ “Em Piéria, unida ao Pai Cronida, Mnemósine, rainha das encostas do Eleutério, por ser o esquecimento das infelicidades, a trégua às preocupações gerou as Musas Olímpianas. A Mnemósine, durante nove noites se unia o prudente Zeus, altivo, longe dos Imortais, em seu leito sagrado. E quando veio o fim de um ano e o retorno das estações (...), ela gerou nove filhas de pensamentos semelhantes, que têm em seu peito apenas a preocupação do canto e guardam sua alma livre de desgosto, perto do mais alto cume do Olimpo coberto de neve. HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra. Niterói: UFF, 1979. P. 27

²⁰ HESÍODO. Prefácio. In: *Teogonia*. Tradução de Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra. Niterói: UFF, 1979.

de outrora ou os deuses felizes, habitantes do Olimpo, rapidamente ele esquece suas tristezas e de seus desgostos não se lembra mais. O presente das deusas desviam-no disso (*Teogonia*, v. 55²¹).

Ou seja, para Hesíodo é possível lembrar e esquecer através da *Mnemósine*. Da mesma forma que permite a recordação dos feitos nos tempos passados, mostra a vida feliz desses tempos distantes, servindo de alento para as tristezas do tempo presente. Portanto, para Hesíodo a inspiração dos poetas era a divina *Mnemósine*.

Diferentemente do *Mênon*, na *República*, Platão desenvolve algumas críticas sobre os poetas, dentre as quais, a de atribuir às divindades as maldades humanas. Segundo Platão, o deus é bom, qualquer tipo de desgraça que por ventura venha a acontecer aos homens, não pode ser culpa do deus, por isso, critica os poetas, pelas narrativas mentirosas que elaboram:

(...) Deus, uma vez que é bom, não poderia ser a causa de tudo, como diz a maioria das pessoas, mas causa apenas de um pequeno número de coisas que acontecem aos homens, e sem culpa do maior número delas. Com efeito, os nossos bens são muito menos do que os males, e, se a causa dos bens a ninguém mais se deve atribuir, dos males têm de se procurar outros motivos, mas não o deus. (...) não deve aceitar-se o erro, cometido por Homero ou qualquer outro poeta, ao dizer este absurdo acerca dos deuses: que no limiar de Zeus repousam duas vasilhas, cheias de destinos, uns bons, outros maus; (*República*, 379c-d²²).

Sendo assim, as narrativas dos poetas sobre a divindade devem ser interpretadas com cuidado. É possível, na verdade, que as narrativas sejam baseadas nos defeitos humanos e atribuídas à divindade. Ademais, os poetas também incitam a vida ilícita. No *Mênon*, Platão cita Píndaro, “E também fala Píndaro e muitos outros, todos os que são divinos entre os poetas” (*Mênon* 81a-b²³), mas na *República* até o divino Píndaro sofre críticas, “Na verdade, dirá provavelmente para si mesmo aquela famosa sentença de Píndaro: Hei-de subir ao bastião mais elevado, pela justiça ou pelo dolo tortuoso” (*República* 365b²⁴). Esta sentença expressa categoricamente que tanto faz a maneira usada para atingir um objetivo, o que importa é atingir, todos os meios são aceitáveis, inclusive os injustos, nisso consiste a crítica.

Até mesmo Jean-Pierre Vernant explica que, “a atividade poética continuou a exercer esse papel de espelho que devolvia ao grupo humano sua própria imagem (...) a atividade literária, que prolonga e modifica, pelo recurso à escrita, uma tradição antiquíssima de poesia oral, ocupa um lugar central na vida social e espiritual da Grécia, (...)” (2006, p.16). Portanto,

²¹ HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra. Niterói: UFF, 1979.

²² PLATÃO. *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

²³ PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

²⁴ PLATÃO. *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

os sacerdotes, sacerdotisas e os poetas ocupavam uma posição de destaque na vida social e espiritual dos gregos antigos. Por isso, Sócrates os menciona como propagadores de belas e verdadeiras palavras. No próximo capítulo apresentamos quais são as palavras belas e verdadeiras que esses sábios proferem, na qual a *Anámnesis* está assentada.

3. ANÁMNESIS NO MÊNON

Como já apresentamos inicialmente, a nossa pesquisa pretende examinar o que é *Anámnesis* para Platão em seu diálogo *Mênon*. Apresentamos na seção anterior que os poetas, sacerdotes e sacerdotisas são pessoas de destaque entre os cidadãos da *pólis* e que, por isso, Sócrates os mencionou como anunciadores de palavras belas e verdadeiras. Segundo Sócrates, esses sábios afirmam que a alma humana (*ψυχή*) é imortal:

SO. E as coisas de que falam são estas aqui. Examina se te parece que falam a verdade. Dizem eles pois que a alma do homem é imortal, e que ora chega ao fim e eis aí o que se chama morrer, e ora nasce de novo, mas que ela não é jamais aniquilada. É preciso pois, por causa disso, viver da maneira mais pia possível. Pois aqueles de quem Perséfone²⁵ a expiação por uma antiga falta tiver recebido, ao sol lá em cima, no nono ano, as almas desses ela de novo envia, e dessas <almas>, reis ilustres, e homens impetuosos pela força ou imensos pela sabedoria se elevam. E pelo resto dos tempos, como heróis impolutos são invocados pelos homens (*Mênon* 80d-81c²⁶).

Segundo Sócrates os sábios afirmam que a alma humana é imortal e o que se chama de morte não significa o fim definitivo da alma, pois a alma está sempre renascendo. Por causa disso, da alma ser imortal, deve-se procurar viver em conformidade com os padrões morais. No entanto, por que é preciso viver de modo justo e correto devido a alma ser imortal? No trecho que Sócrates se refere a Perséfone encontramos uma resposta possível. Segundo esses sábios, essa senhora dos mortos ao receber uma alma que tenha cometido algum erro na terra, envia novamente essa alma somente após nove anos, ou seja, existe um tempo que, supostamente seria para tratá-la, posteriormente, essas almas podem se tornar belas ou não.

Através da passagem acima, interpretamos o seguinte: a alma que comete algum erro na vida terrena, depois de morta, fica detida no mundo subterrâneo, logo, demora mais a

²⁵ Perséfone, na mitologia grega, era filha de Deméter (deusa cuja graça e poder é precisamente o cereal) e Zeus. Foi raptada por Hades-Aidoneus (a personificação do mundo subterrâneo), para ser a sua esposa, tornando-se a senhora dos mortos. BURKERT, Walter. **Religião grega na época clássica e arcaica**. Tradução de Manuel José Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 313-318.

²⁶ PLATÃO. **Mênon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

renascer. Desta forma, para não ter a alma detida, é preciso viver em conformidade ética e moral, garantindo, assim, que seu renascimento não demore. Daí a ligação de alma imortal e do padrão ético. Ao analisar o discurso dos sábios exposto por Sócrates, entendemos que ele tinha enquanto objetivo impor o princípio do viver de maneira justa e a prática o bem:

SO. Sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas <que estão> aqui quanto as <que estão> no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto com respeito à virtude quanto ao demais, ser possível a ela **rememorar** aquelas coisas justamente que já antes conhecia. Pois, sendo a natureza toda congênera e tendo a alma aprendido todas as coisas, nada impede que, tendo <alguém> rememorado uma só coisa – fato esse precisamente que os homens chamam aprendizado –, essa pessoa descubra todas as outras coisas, se for corajosa e não se cansar de procurar. Pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma **rememoração**. Não é preciso então convencer-se daquele argumento erístico; pois ele nos tornaria preguiçosos, e é aos homens indolentes que ele é agradável de ouvir, ao passo que este <outro argumento> faz-nos diligentes e inquisidores. Confiando neste como sendo verdadeiro, estou disposto a procurar contigo o que é a virtude. (*Mênon* 81c-e²⁷. grifos nossos).

Entendemos que a partir da passagem acima a *Anámnesis*, aqui, está sendo descrita como o “procurar e o aprender” de conhecimentos previamente existentes na alma, adquiridos em momentos anteriores a vida atual da alma. Segundo o mito da imortalidade da alma, os vários renascimentos que a alma passa possibilitam conhecer tudo, pois tudo veem. Ao ver tudo as almas aprenderam, bastando apenas se esforçar para trazer novamente o conhecimento. Pela definição usual, aprender, significa tornar sabido o que não sabia, ter o que não se tinha, ou seja, passar a conhecer algo que não conhecia, como se fosse um bem que não tínhamos e passamos a ter. No entanto, *Anamnésis* é o “procurar e o aprender” de conhecimentos que sempre estiveram presentes na alma, isto é, interno, não é o aprender no sentido de adquirir conhecimento no momento atual, mas de busca interior.

Sendo assim, segundo esse mito, nós já nascemos com o conhecimento de todas as coisas, **mas, se assim o é**, logo, não aprendemos nada em nossas vidas? Para explicar como a rememoração é o retorno de conhecimentos já presentes devido a imortalidade da alma, Mênon pede a Sócrates que o ensine quando diz assim, “MEN. Sim, Sócrates. Mas que queres dizer com isso, que não aprendemos, mas sim que aquilo que chamamos aprendizado é **rememoração**? Podes ensinar-me como isso é assim?” (*Mênon* 81e²⁸. grifo nosso). E prontamente Sócrates admite que nada ensina, que só existe a rememoração, “SO. Ainda pouco te dizia, Mênon, que és traiçoeiro; eis agora que me perguntas se posso te ensinar – a mim, que digo que **não há ensinamento, mas sim rememoração** – justamente para que

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem*.

imediatamente apareça eu proferindo uma contradição comigo mesmo” (*Mênon* 81e - 82a²⁹. grifos nossos). Segundo Sócrates não há ensinamento, somente a rememoração. Sócrates mesmo reconhecendo que a rememoração é uma tarefa difícil está disposto a demonstrá-la para Mênon, e esta demonstração é o nosso objeto no capítulo a seguir.

3.1 ANÁMNESIS: A MAIÊUTICA COM O ESCRAVO

A pedido de Mênon, Sócrates mostra que “(...) não há ensinamento, mas sim **rememoração.**” (*Mênon* 82a³⁰. grifo nosso), por isso, faz o seu exercício maiêutico³¹ com o escravo “SO. Chama-me pois um desses muitos servidores teus que aí estão, qualquer que queiras, para que com ele eu te faça uma demonstração. MEN. Perfeitamente. Tu aí, vem cá. SO. **Ele é grego, não?, e fala grego?** MEN. Com toda a certeza: é nascido na casa.” (*Mênon* 82a-b³². grifos nossos).

Mas por que esta solicitação? Nos parece que é um princípio fundamental para estabelecer-se o diálogo, Sócrates está querendo saber se o escravo possui a base elementar para a comunicação entre ambos: falar grego. Sabendo grego o escravo irá compreender o que lhe será perguntado, caso contrário Sócrates pareceria um estrangeiro diante dele. Assim começa o exercício:

SO. Presta pois atenção para ver qual das duas coisas ele se revela a ti <como fazendo>: **rememorando ou aprendendo comigo.** (...) SO. Dize-me aí, menino: reconheces que uma superfície quadrada é desse tipo? – ESC. Reconheço. – SO. A superfície quadrada então é <uma superfície> que tem iguais todas estas linhas, que são quatro? – ESC. Perfeitamente. – SO. E também não é <uma superfície> que tem iguais estas <linhas> aqui, que atravessam pelo meio? – ESC. Sim. – SO. E não é verdade que pode haver uma superfície desse tipo tanto maior quanto menor? – ESC. Perfeitamente. – SO. Se então este lado for de dois pés e este de dois, de quantos pés será o todo? Examina da seguinte maneira. Se <por este lado> fosse de dois e por este um só pé, a superfície não seria de uma vez dois pés? – ESC. Sim. – SO. Mas, uma vez que por este também é de dois pés, <a superfície> não vem a ser de duas vezes dois? – ESC. Vem a ser. – SO. Logo, ela vem a ser de duas vezes dois pés. – ESC. Sim. – SO. Quanto é então duas vezes dois pés? **Faz o cálculo e diz.** – ESC. Quatro, Sócrates. – SO. E não é verdade que pode haver outra superfície deste tipo, que seja o dobro desta, que tenha todas as linhas iguais como <as tem> esta? – ESC. Sim. – SO. De quantos pés então será? – ESC. Oito. – SO. Vê lá, tenta dizer-

²⁹ *Ibidem.*

³⁰ *Ibidem.*

³¹ A maiêutica é “O método de Sócrates de fazer perguntas, comparado no *Teeteto* à arte da parteira, tinha a finalidade de trazer esses pensamentos ao nível consciente. Alivia as dores de parto do espírito, na medida em que o força a parir o que lá tem dentro; não mete no espírito nada que já lá não estivesse” (CORNFORD, 1989, p.84).

³² PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

me de que tamanho será cada linha dessa superfície. A <linha> desta <superfície> aqui é, com efeito, de dois pés. E a <linha> daquela <superfície> que é o dobro? – ESC. Mas é evidente, Sócrates, que será o dobro. SO. Vês, Mênon, que **eu não estou ensinando isso absolutamente, e sim perguntando tudo?** (*Ménon* 82b-e³³. grifos nossos).

É surpreendente Sócrates afirmar que não está ensinando nada ao escravo, mas sim apenas perguntando. Se não vejamos trata-se de um escravo da casa que é analfabeto e que provavelmente não sabe contar, considerando o fato de que a educação na época de Sócrates era somente para os cidadãos. Se nos atermos aos detalhes do exercício perceberemos que em *Ménon* 82b linhas 1-2, teremos a primeira lição: Sócrates desenha no chão uma superfície quadrada, e o escravo entende o que é um quadrado (forma geométrica). Após ver a figura geométrica, em 82c linhas 2-4 temos a segunda lição: Sócrates explica que a superfície quadrada é formada por quatro linhas iguais (ideia de igualdade). Em 82c linhas 4-6 temos a terceira lição: Sócrates explica que as linhas que passam pelo centro do quadrado também são iguais (noção de espaço geométrico). Em 82c linhas 6-8 temos a quarta lição: Sócrates afirma que este quadrado que desenhou pode ser maior ou menor (noção de maior e menor). Dito isso, em 82c linhas 8-9 temos a quinta lição: Sócrates ensina o escravo a operação de somar, pedindo que calcule a totalidade da superfície aplicando a medida de dois pés³⁴ para as linhas (operação aritmética de soma). Em seguida, em 82c linhas 10-16 temos a sexta lição: Sócrates ensina o escravo a operação de multiplicar a superfície quadrada por meio da medida adotada, os próprios pés. Como Sócrates pede para o escravo calcular se este só estava habilitado para servir? Em 82d linhas 16-19 temos a sétima lição: este mesmo raciocínio da operação da multiplicação é aplicado a uma superfície maior. Em 82d-e linhas 19-23 temos a oitava lição: Sócrates ensina novamente que o tamanho de cada linha que forma a superfície quadrada é de dois pés. Sócrates através das lições de maiêutica exercita o escravo até o passo 85b.

Por conseguinte, entendemos que o escravo, que não sabia, vai aprendendo progressivamente com Sócrates. Pois, primeiro Sócrates pergunta se o escravo fala grego, em seguida, mostra no chão a figura geométrica do quadrado. Tanto a compreensão pela fala quanto a visualização de desenhos geométricos constituem indispensáveis recursos para o ensino e a aprendizagem da geometria. Neste sentido, para desenvolver a aprendizagem do escravo Sócrates ensina as noções de maior e de menor, de dobro e de quádruplo e as duas operações aritméticas: a soma e a multiplicação.

³³ *Ibidem*.

³⁴ “Os povos antigos - os egípcios, os babilônios, os assírios, os chineses, os persas e os gregos - possuíam padrões diferentes de comprimento. A unidade de comprimento dos babilônios era o dedo (aproximadamente 16mm). Usavam também o cúbito, que equivalia a 30 dedos. O pé e a polegada foram, em geral, para esses povos, as unidades padrões.” Disponível em: <<http://www.fisica.net/unidades/pesos-e-medidas-historico.pdf>>.

Segundo F. M. Cornford, a solução do problema geométrico tratado por Sócrates no *Mênon* diz respeito ao teorema do quadrado da hipotenusa atribuído a Pitágoras. (1989, p.79).

Ora, Sócrates no início da demonstração apela para os sábios antigos, ao afirmar: “SO. Ainda há pouco te dizia, Mênon, que és traiçoeiro; eis agora que me perguntas se posso te ensinar - a mim, que digo **que não há ensinamento mas sim rememoração.** (...)” (*Mênon* 82a³⁵. grifos nossos) e sendo que a rememoração é descrita como retorno de conhecimentos adquiridos em vidas passadas:

“Sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas <que estão> aqui quanto as <que estão> no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto com respeito à virtude quanto ao demais, ser possível a ela **rememorar.** (*Mênon* 81c³⁶. grifo nosso).

Sócrates tenta demonstrar, com o escravo, justamente isso: a rememoração de conhecimentos aprendidos em outras vidas e, além disso, que não está ensinando nada, todavia, ao analisarmos a sua demonstração com o escravo, percebemos que o seu percurso demonstra o contrário, ou seja, que Sócrates está ensinando e que o escravo naquele instante está aprendendo. Entendemos que, se o escravo já soubesse as respostas não entraria em *aporia*, vejamos neste trecho: “(...) SO. Mas a partir de qual? Tenta dizer-nos exatamente; e se não queres calcular, mostra ao menos a partir de qual. – ESC. Mas, por Zeus, Sócrates, **eu não sei!**” (*Mênon* 84a³⁷. grifo nosso).

O próprio Sócrates reconhece que o escravo não sabia os conhecimentos geométricos nesta passagem quando diz: “SO. E não é verdade que agora está melhor a respeito do **assunto que não conhecia?**” (*Mênon* 84b³⁸. grifos nossos), e que fez algo de bom para o escravo, “SO. De qualquer forma, **fizemos algo de proveitoso**, ao que parece, **em relação a ele descobrir** de que maneira são <as coisas de que tratamos> (...)” (*Mênon* 84b³⁹. grifos nossos). Quando Sócrates se refere a assuntos que o escravo não conhecia está se referindo a tudo que ele o ensinou no exercício, desde o desenho da forma do quadrado no chão, as linhas que o constituem, a forma maior e menor desta figura, a medida tradicional usada em sua época: os pés, até as operações aritméticas. É fascinante perceber que numa conversa com o escravo Sócrates ensine conhecimentos geométricos, aritméticos, indispensáveis para a compreensão de problemas matemáticos. Por isso Sócrates afirma que fez “algo proveitoso”,

³⁵ *Ibidem.*

³⁶ *Ibidem.*

³⁷ *Ibidem.*

³⁸ *Ibidem.*

³⁹ *Ibidem.*

ou seja, ele disponibilizou para quem não tinha a oportunidade de se encantar com esses conhecimentos, tempo e atenção.

Werner Jaeger já havia registrado que Sócrates ensina “Como é natural, sem o auxílio de Sócrates o escravo jamais teria dado os passos que o guiariam à descoberta daquela complicada realidade matemática (...) esta experiência pedagógica constitui o momento mais brilhante do diálogo.” (1995, p.709).

Ao entendermos que Sócrates ensina o escravo e que este não sabia aqueles conhecimentos matemáticos geométricos, logo, interpretamos que o argumento da *Anámnese* alicerçada no mito da imortalidade da alma: o “procurar e o aprender” de conhecimentos adquiridos em vidas passadas, não se sustenta. A nossa interpretação se confirma quando F. M. Cornford questiona o conhecimento e explica racionalmente o processo de *Anámnese*:

Donde vem este conhecimento? Platão defendia a tese de que tinha de vir do próprio intelecto; de que era trazido de novo à consciência por um processo análogo ao que nos permite recordar um objecto que já conhecemos e que esquecemos. Esta é a célebre doutrina de que a ‘aprendizagem’, o processo pelo qual se adquire o conhecimento no seu pleno sentido, é Reminiscência (**Anamnesis**). (CORNFORD, 1989, p.78 grifo nosso).

Ao se referir a *Anámnese* F. M. Cornford a explica como o processo de trazer volta os conhecimentos que foram esquecidos e que se trata de um procedimento que recupera os conhecimentos “no seu pleno sentido”. Apoiamos-nos no entendimento do nosso intérprete ao compreendermos que a *Anámnese* não pode ser o retorno de conhecimentos adquiridos em vidas anteriores, “Até aqui, temos podido ilustrar a doutrina da *Anamnesis* a partir de experiências universalmente aceitas, mas, passíveis de explicações que não envolvem o recurso à aquisição pré-natal do conhecimento, sem o emprego dos sentidos” (CORNFORD, 1989, p.87).

Segundo F. M. Cornford a função do *Mênon* é apresentar a *Anámnese* para desviar do dilema sofístico, ou seja, o *Mênon* também trata do confronto da posição relativista da sofística em relação à busca do conhecimento:

No *Mênon* a teoria da *Anamnesis* foi apresentada para fugir ao dilema sofístico: ou conhecemos uma coisa, e não há necessidade de a procurar; ou não a conhecemos, e então não podemos saber o que procuramos. O dilema pressupunha uma única alternativa, ou o conhecimento completo ou a ignorância total. A *Anamnesis* fornece graus de conhecimento entre estes dois extremos. (CORNFORD, 1989, p.82).

(...) Mas que, acreditando que é preciso procurar as coisas que não se sabem, seríamos melhores, bem como mais corajosos e menos preguiçosos do que se acreditássemos que, as coisas que não conhecemos, nem é possível encontrar nem é

preciso procurar – sobre isso lutaria muito se fosse capaz, tanto por palavras quanto por obras. (*Mênon* 86b-c⁴⁰).

No *Mênon*, Sócrates se refere aos sofistas tanto neste momento do dilema sofisticado quanto no momento em que cita a diagonal, “SO. Ora, esta linha, chamam os **sofistas** de diagonal. De modo que, se o nome dela é diagonal, é a partir da diagonal, como afirmas, escravo de Mênon, que se formaria a superfície que é o dobro. – ESC. Perfeitamente, Sócrates” (*Mênon* 85b⁴¹. grifo nosso). Além da referência aos sofistas Sócrates afirma a todo instante que não ensina e que só há a lembrança. Mas por que Sócrates insiste em dizer que não ensina? Compreendemos que Sócrates ao se recusar a dizer que ensina, seria para não ser comparado aos sofistas. Entendemos que nesse contexto do dilema sofisticado do *Mênon* que a *Anámnesis* é inserida como saída, ou seja, como garantia de que o conhecimento é possível, a *Anámnesis* se destaca por si só. Por isso, ainda são recorrentes as interpretações que tentam focá-la no mito da imortalidade da alma, mas segundo F. M. Cornford esta interpretação está relacionada ao pitagorismo:

Reconhece-se há muito que a ligação íntima entre a **Anamnesis**, a doutrina da reencarnação e as ciências matemáticas sugere uma **origem pitagórica**. Onde existe a crença na reencarnação pensa-se que a alma terá esquecido as suas vidas anteriores e as suas experiências no outro mundo (...) (CORNFORD, 1989, p.89 grifos nossos).

Onde Platão está indiscutivelmente de acordo com os **Pitagóricos** é na convicção de que a alma humana é uma substância independente, que já existia antes de habitar o corpo actual e que continuará a existir, separada do corpo, depois da morte deste. É, além disso, não só indestrutível como consciente e inteligente, possuidora de um conhecimento que não foi adquirido através dos sentidos (CORNFORD, 1989, p.91 grifo nosso).

Giovanni Casertano apresenta que o discurso da imortalidade da alma no *Mênon* permite algumas interpretações, “[...] no *Mênon* o discurso sobre a imortalidade da alma está intimamente ligado à sua finalidade ética, em que mito e raciocínio se misturam para realçar essa mesma finalidade.” (2016, p.20). Essa perspectiva aponta para as duas características mais importantes da reminiscência no *Mênon*:

A **perspectiva mítica**, que se baseia na imortalidade da alma e se funda, como se diz de forma clara, em discursos de sacerdotes e poetas, e a **gnosiológica**, que vê na posse de “opiniões verdadeiras” por parte da alma de quem investiga (o que Platão chama de reminiscência) o postulado fundamental para se poder construir o conhecimento. (CASERTANO, 2016, p.23 grifos nossos).

A partir da interpretação de F. M. Cornford, destacamos que a compreensão da *Anámnesis* como o retorno de conhecimentos adquiridos em vidas anteriores, tem natureza

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*.

puramente pitagórica. Logo, não é possível afirmar que para Platão a *Anámnesis* tenha este sentido pitagórico. Por isso, é preciso distinguir a *Anámnesis* no sentido da crença e no sentido para o nosso filósofo. Cornford afirma que “(...) **Reminiscência**, que está relacionada com a existência das **Formas**⁴². E quanto à existência das Formas, Platão não tinha grandes dúvidas” (CORNFORD, 1989, p.92 grifos nossos).

Gorette Lucena também argumenta que a *Anámnesis* está relacionada à recordação de ‘um saber específico’, a “*ἐπιστήμη* (ciência)”, quando nos diz assim:

Ora, Platão transpõe a questão da reminiscência para o campo de sua filosofia e afastasse dessa compreensão como memória de coisas vistas em vidas anteriores; **para ele, passa a significar a ação de “rememorar” um tipo de saber específico** que está na alma, o que é diferente de ter memória, conforme ele faz Sócrates dizer, “... recuperar alguém a ciência (*ἐπιστήμη*), ele mesmo em si mesmo, não é rememorar? (...), ou seja, **reminiscência é recordação da *ἐπιστήμη* (ciência)** que está na alma, o que nada mais é que o encontro com os seres que com ela mesma se assemelham, as ideias. (LUCENA, 2005, p.91. grifos nossos).

A prova de que Platão recolhe as crenças de sua época é a sua afirmação sobre a separação alma corpo, como expõe Cornford: “Novamente a teoria da **reminiscência** é apresentada como prova de uma preexistência: a alma que pode existir separada do corpo é aquela parte do nosso ser que pensa e conhece as Formas que existem separadas das coisas materiais” (CORNFORD, 1989, p.92. grifo nosso).

A *Anámnesis* no sentido platônico está intrinsecamente relacionada a denominada “Teoria das Formas”, assim afirma o nosso interprete “(...) **Reminiscência, que está relacionada com a existência das Formas**. E quanto à existência das Formas, Platão não tinha grandes dúvidas (CORNFORD, 1989, p.92. grifo nosso). Sendo assim, a *Anámnesis* para Platão possui um significado diverso da *Anámnesis* baseada somente nas crenças. No sentido platônico, a *Anámnesis* não menciona o retorno de conhecimento adquiridos em vidas passadas, mas sim o retorno das Formas.

Ainda segundo Cornford, a *Anámnesis* platônica por estar relacionada a Teoria das Formas, trata-se de um “processo longo, infundável que parte de uma única convicção correcta” (1989, p.95). Sendo assim, a partir dessa compreensão platônica da *Anámnesis*, que está relacionada ao rememoração das Formas, é possível afirmar que o escravo rememorou nesse sentido? Pensamos que o escravo, submetido ao exercício maiêutico socrático, iniciou o seu processo de rememoração, que é longo, o escravo está começando a aprender a rememorar. Pois, quando Sócrates desenha um quadrado no chão e o escravo vê,

⁴² Teoria das Formas: “Afirma-se ao mesmo tempo que as Formas ou “Ideias”, que constituem os verdadeiros objectos do conhecimentos, são igualmente independentes das coisas concretas específicas em que estão incorporadas, ou das suas imagens no mundo sensível” (CORNFORD, 1989, p.72).

automaticamente ele grava esta imagem, retém, de modo que, se a figura do quadrado for mencionada sem o desenho, o escravo saberá a sua forma, pois viu e depositou. Ou seja, a partir de um despertar causado pela sensação inicia-se o processo da *Anámnesis*, mas este processo não permanece no âmbito das sensações.

Parece assim que a **Anamnesis é um processo longo, se não infundável**. Partindo do despertar de uma única convicção correcta ou (sob outro aspecto) de um único acto de intuição, a tarefa da reflexão ou raciocínio (...) pode continuar indefinidamente **até se recuperar**, se tal fosse possível, toda a estrutura lógica da verdade. (CORNFORD, 1989, p.95. grifos nossos).

No entanto, há no *Mênon*, nosso objeto de estudo, o sentido platônico de *Anámnesis*? Em nossa leitura compreendemos que neste diálogo Platão ainda não argumenta concretamente sobre a denominada Teoria das Formas, nem é este o nosso foco nesse trabalho. Todavia, notamos o seu empenho em saber o que é a virtude em si, o que nos remete para a reflexão de que há algum indício de noção universal na procura pela definição da virtude, quando nos diz assim, “SO. Ora, é assim também no que se refere às virtudes. Embora sejam muitas e assumam toda variedade de formas, **têm todas um caráter único**, <que é> o mesmo, graças ao qual são virtudes” (*Mênon* 72c⁴³. grifos nossos). Ao buscar a definição da virtude em si no *Mênon* entendemos que Platão reflete sucintamente acerca das noções universais. No capítulo a seguir expomos as passagens do *Fédon*, *Fedro*, *Filebo* e *Leis* que Platão se refere à *Anámnesis*, com o intuito de verificarmos se as características que Platão apresenta no *Mênon* a respeito da *Anámnesis* são semelhantes.

⁴³ PLATÃO. **Mênon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

4. ANÁMNESIS NOS DIÁLOGOS PLATÔNICOS

Édouard Des Places (1970, p.42) em seu *Lexique de la Langue Philosophique et Religieuse de Platon*⁴⁴, registrou as seguintes ocorrências da palavra *Anámnesis* (ἀνάμνησις) nos diálogos platônicos: *Mênon*, (81e,4 d5); *Fédon*, (72e,5 73b,5 76a,7 91e,4 92c,7 d5); *Fedro*, (249e,2); *Filebo*, (34b,2); *As Leis*, (V,732b,8). Conferimos o caminho de Édouard Des Places nos diálogos e extraímos dos mesmos o que Platão definiu por *Anámnesis*. Como o *Mênon* já foi objeto de discussão nos capítulos anteriores, nesse capítulo iniciamos a partir das passagens do diálogo *Fédon*:

Em verdade, Sócrates – tornou então Cebes – é precisamente esse também o sentido daquele famoso argumento que (suposto seja verdadeiro) tens o hábito de citar amiúde. **Aprender, diz ele, não é outra coisa senão recordar.** [*Anámnesis*] (*Fédon* 72e grifo nosso).

(...) é muito provável, Símias, que, pelo menos dessa maneira, não se consiga convencer-te! Vê se, encarando a questão de outra forma, poderás compartilhar de minha opinião. Porque, o que parece difícil de ser compreendido é precisamente de que maneira o que chamamos **aprender seja apenas recordar.** [*Anámnesis*] (*Fédon* 73b. grifo nosso).

(...) Por conseguinte, torno a repetir, de duas uma: ou nascemos com o conhecimento das ideias e este é um conhecimento que para todos nós dura a vida inteira – ou então, depois do nascimento, aqueles de quem dizemos que se instruem nada mais fazem do que **recordar-se; e neste caso a instrução seria uma reminiscência.** [*Anámnesis*] (*Fédon* 76a grifo nosso).

(...) Que pensais a respeito da doutrina segundo a qual **instruir-se é apenas recordar** [*Anámnesis*] e, que sendo assim, é necessário que nossa alma, antes de vir encadear-se em nosso corpo, tenha vivido primeiramente noutro lugar? (*Fédon* 91e. grifo nosso).

(...) É necessário então escolher entre essas duas linguagens; qual é aquela que preferes? A que afirma **que instruir-se é lembrar-se** [*Anámnesis*] ou a de que a alma é uma harmonia? (*Fédon* 92c. grifo nosso).

(...). Bem sei que as teorias baseadas em demonstrações prováveis nos enganam e, se não tomarmos cuidado com elas, elas demonstram tudo e até a geometria! Ao contrário, a teoria relativa à **recordação** [*Anámnesis*] e ao estudo está assente em bases mais sólidas. (*Fédon* 92d⁴⁵. grifo nosso).

Nestas passagens destacadas do diálogo *Fédon* encontramos o mesmo argumento que analisamos no diálogo *Mênon*: “(...) **o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração (Anámnesis)**” (*Mênon* 81d⁴⁶. grifo nosso). Entendemos que no *Fédon* Platão trata da *Anámnesis* ainda com o intuito de possibilitar o conhecimento e desviar-se desse

⁴⁴ DES PLACES, Édouard. *Léxique de La Langue Philosophique et Religieuse de Platon*. 2 reimp.; Paris: Les Belles Lettres, 1970. (*Oeuvres Complètes*, 14, 2 v).

⁴⁵ PLATÃO. *Fédon*. Tradução e Notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (*Os pensadores*).

⁴⁶ PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

argumento sofisticado: “(...) que, pelo visto, não é possível ao homem procurar nem o que conhece nem o que não conhece?” (*Mênon* 80e⁴⁷).

Em comparação ao *Mênon*, Platão no *Fédon* se prolonga na argumentação acerca da *Anámnesis*. Pois, no *Mênon* Platão insere a *Anámnesis* no contexto da busca pela definição da virtude, especificamente no momento em que Sócrates dialoga com o escravo de Mênon, instante em que Sócrates se empenha para demonstrar a *Anámnesis* e após isto retoma a conversa com Mênon a respeito da virtude. Já no *Fédon* percebemos que Platão analisa mais detalhadamente a *Anámnesis*, assim como argumenta sobre a necessidade da alma ser imortal.

Platão, a partir do argumento “aprender é recordar” do *Mênon*, estabelece no *Fédon* uma explicação acerca do que pode ser chamado de reminiscência, pois sabe que não basta apenas afirmar que “aprender seja recordar”, é fundamental tornar claro esse argumento, por isso, nos diz assim no diálogo *Fédon*:

E, por conseguinte, sobre o ponto que segue estamos também de acordo: que o saber, se se vem a produzir em certas circunstâncias, é uma lembrança [Anámnesis]? Que circunstâncias sejam essas, vou dizer-te: se vemos ou ouvimos alguma coisa, ou se experimentamos não importa que outra espécie de sensação, não é somente a coisa em questão que conhecemos, mas temos também a imagem de uma outra coisa, que não é objeto do mesmo saber, mas de um outro. Então, diz-me, não temos razão em pretender que aí houve uma recordação, e uma recordação daquilo mesmo de que tivemos a imagem? (*Fédon* 73c⁴⁸).

Platão expõe que o que pode ser denominado de *Anámnesis* é a recordação de algo diverso daquilo que os sentidos captam. Em outras palavras, imaginemos uma situação para auxiliar na compreensão. Ao ver um exemplar do diálogo *Teeteto* de Platão, automaticamente esta visão nos transporta para o nosso primeiro período do curso de Filosofia, no qual estudamos esse diálogo, mas no momento em que os nossos olhos captam a sua imagem, não é a imagem de seu conteúdo que predomina, mas sim o ambiente da faculdade, os colegas e o grupo de estudos que faz lembrar. Nesse sentido, a *Anámnesis* está sendo entendida como um deslocamento, isto é, um desvio para uma outra imagem partindo dos sentidos, que tem natureza diferente. Na passagem a seguir, Platão exemplifica como isso acontece:

Como assim? Tomemos alguns exemplos. São coisas muito diferentes, penso, conhecer um homem e conhecer uma lira? Efetivamente. Ignoras tu que os amantes, à vista duma lira, duma vestimenta ou de qualquer outro objeto de que seus amados habitualmente se servem, **rememoram** a própria imagem do amado a quem esse objeto pertenceu? Ora, aqui temos o que vem a ser uma **recordação**. Da mesma forma, também acontece que, se alguém vê Sírias, muitas vezes isso lhe faz recordar Cebes. E poder-se-iam encontrar milhares de exemplos análogos [...]

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ PLATÃO. *Fédon*. Tradução e Notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (*Os pensadores*).

Assim, pois, um caso desse gênero constitui uma **recordação**, principalmente quando se trata de coisas que o **tempo ou a distração** já nos tinham feito esquecer, não é verdade? (*Fédon* 73d-e⁴⁹. grifos nossos).

Platão está explicando que a sensação é o ponto de partida para acontecer a *Anámnesis*. A partir de uma sensação despertada pelos sentidos, que provoca o direcionamento para algo de natureza distinta, se denomina *Anámnesis*, e que isto acontece especialmente quando o ‘tempo e a distração nos faz esquecer’, conforme a passagem. No entanto, também se denomina *Anámnesis* o direcionamento para os objetos de naturezas semelhantes. Assim nos explica Platão:

Mas responde-me – continuou Sócrates: - ao ver o desenho dum cavalo, o desenho de uma lira, pode-se recordar um homem? Ao ver um retrato de Símias, recordar-se de Cebes? Certo que pode. Ao ver um retrato de Símias, não é fácil **recordar-se** do próprio Símias? Seguramente que sim! Assim – não é verdade? – o ponto de partida da **recordação** em todos esses casos é, algumas vezes, um semelhante, outras vezes também um dessemelhante? (*Fédon* 73e-74a⁵⁰. grifos nossos).

Platão está expressando que o “ponto de partida” para acontecer a *Anámnesis* é tanto uma informação semelhante como uma dessemelhante. Ou seja em ambos os casos é a sensação que desperta para a *Anámnesis*, mas certamente não permanece neste âmbito. A recordação consiste no desvio para o dessemelhante, isto é, para o desigual, para o distinto, daquilo que a causa, como é o caso em que o amante ao ver algum objeto de seu amado recorda-se do amado. Pois, “(...) Desde que, vendo uma coisa, a visão desta faz com que penses numa outra, desde então, quer haja semelhança ou dessemelhança, necessariamente o que se produz é uma **recordação**?” (*Fédon* 74c-d⁵¹. grifo nosso). Neste sentido isso significa que a *Anámnesis* pode tanto trazer uma lembrança semelhante de algo quanto dessemelhante.

Platão afirma que para recordar-se do semelhante a partir do semelhante, é preciso ter adquirido o conhecimento do Igual em si, assim como dos demais conhecimentos em si, quando afirma o seguinte:

Assim, pois, antes de começar a ver, a ouvir, a sentir de qualquer modo que seja, é preciso que tenhamos adquirido o conhecimento do **Igual em si**, para que nos seja possível comparar com essa realidade as coisas iguais que as sensações nos mostram, percebendo que há em todas elas o desejo de serem tal qual é essa realidade, e que no entanto lhe são inferiores! (*Fédon* 75b⁵². grifos nossos).

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² *Ibidem*.

Este postulado platônico, de que se nasce com um tipo específico de conhecimento, nos faz compreendê-lo como pressuposto para a *Anámneseis*. Em nossa interpretação⁵³, a ideia do conhecimento em si torna-se imprescindível para a *Anámneseis* pelo fato de tornar uma espécie de referência. Isto é, pensamos que com esta ideia do conhecimento em si, Platão tenha o objetivo de garantir o conhecimento, na medida em estabelece comparações com a realidade sensível. Em meio a um contexto em que os sofistas relativizavam o conhecimento a partir da multiplicidade de argumentos, Platão estabelece a noção do conhecimento em si para ser além de uma garantia da existência do conhecimento, como de que é possível buscá-lo, se contrapondo ao pensamento sofístico. E este buscar diz respeito à *Anámneseis*, por isso, a ideia do conhecimento em si está atrelada a *Anámneseis*.

Quando Platão menciona “opiniões verdadeiras” no diálogo *Mênon*, inferimos que Platão já sinaliza para esta ideia do conhecimento em si que expõe no *Fédon*, assim nos diz: “SO. Logo, naquele que não sabe, sobre as coisas que por ventura não saiba, **existem opiniões verdadeiras** – sobre estas coisas que não sabe?” (*Mênon* 85c⁵⁴. grifos nossos). O fato de Platão afirmar que se nasce com as denominadas “opiniões verdadeiras”, sugere que pensemos no “Igual em si” do *Fédon*, ainda mais quando se empenha buscar a definição da virtude em si no *Mênon*.

Sendo o *Fédon* o diálogo em que Platão analisa mais detalhadamente a *Anámneseis*, também apresenta claramente as espécies de conhecimentos em si, quando expõe o seguinte “(...) não apenas o **Igual**, como o **Maior** e o **Menor**, e também tudo o que é da mesma espécie? [...] o **Belo em si mesmo**, o **Bom em si**, o **Justo**, o **Piedoso**, e de modo geral, digamos assim, **tudo o mais que é a Realidade em si (...)**” (*Fédon* 75c-d⁵⁵. grifos nossos). Essas questões que tratam das espécies do conhecimento em si são desenvolvidas na Teoria das Formas⁵⁶ de Platão, que não tratamos em nossa monografia.

Segundo Platão, nascemos com essas noções, mas em algum momento da vida perdemos e os sentidos que nos auxiliam a recuperá-las.

E em troca, penso, poder-se-ia supor que perdemos, ao nascer, essa aquisição anterior ao nosso nascimento, mas que mais tarde, fazendo uso dos sentidos a propósito das coisas em questão, reaveríamos o conhecimento que num tempo

⁵³ Nossa interpretação se baseia no capítulo IV *Anámneseis* do F. M. Cornford. *Principium Sapientiae: As origens do pensamento filosófico grego*. Lisboa, 1989.

⁵⁴ PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

⁵⁵ PLATÃO. *Fédon*. Tradução e Notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (*Os pensadores*).

⁵⁶ Cf. ROSS, David. *A teoria das ideias de Platão*. Tradução: Professor Marcus Reis. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008.

passado tínhamos adquirido sobre elas. **Logo, o que chamamos de “instruir-se” não consistiria em reaver um conhecimento que nos pertencia? E não teríamos razão de dar a isso o nome de “recordar-se”?** (*Fédon* 75e⁵⁷. grifos nossos).

A esta recuperação do conhecimento dá-se o nome de *Anámnesis*. O conhecimento que foi esquecido começa a ser desperto pelas sensações, retomando a sua vivacidade. Sendo assim, percebe-se que os sentidos possuem a importante tarefa de auxiliar no retorno dos conhecimentos esquecidos. A este ato de instruir-se consiste na *Anámnesis*. Assim como já expressa no diálogo *Mênon*, “(...) **o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração**. Não é preciso então convencer-se daquele argumento erístico (...)” (*Mênon* 81d⁵⁸ grifos nossos). Que diz que nem é possível saber aquilo que não se sabe e nem procurar. Assim, o ato de buscar e de apreender este conhecimento específico que é denominado de *Anámnesis* é o oposto do que afirma o argumento sofístico que põe em dúvida a possibilidade de adquirir o conhecimento.

Quanto ao diálogo *Filebo* Platão apresenta a diferença entre a *Anámnesis* e a memória, quando se refere assim:

Sócrates - Ficamos agora sabendo o que entendemos por sensação. Protarco – Sem dúvida. Sócrates – A esse modo, quando dissemos que a **memória** era a conservação da sensação, pelo menos na minha maneira de pensar falamos com muito acerto. Protarco – Sem dúvida. Sócrates – E também não dissemos que a **reminiscência** difere da **memória**? Protarco – Talvez. Sócrates – Neste particular, porventura? Protarco – Como será? Sócrates – Quando a alma recebe alguma impressão juntamente com o corpo, e depois, sozinha e em si mesma, **recupera-a** tanto quanto possível, a isso é que damos o nome de **reminiscência**, não é verdade? Protarco – Perfeitamente. Sócrates – E também quando perde a lembrança, seja de sensação, seja de algum conhecimento, e ela a recupera também só e em si mesma, a tudo isso também damos o nome de **reminiscência** (*Filebo* 34a-d⁵⁹. grifos nossos).

Nesse sentido, a memória está sendo entendida como um repositório de sensações. A *Anámnesis*, por outro lado, é o esforço que a alma realiza em si para trazer novamente os conhecimentos. Na memória estão contidas as impressões ocasionadas pelos sentidos. Já a *Anámnesis* tem o seu processo iniciado através dos sentidos e evoluindo para um esforço que a alma realiza em si. Como vimos no diálogo *Mênon* Platão também argumenta que este esforço deve ser realizado em si mesmo, “SO. E ele terá ciência, sem que ninguém lhe tenha ensinado, mas sim interrogado, **recuperando ele mesmo, de si mesmo**, a ciência, não é?”

⁵⁷ PLATÃO. **Fédon**. Tradução e Notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (*Os pensadores*).

⁵⁸ PLATÃO. **Mênon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

⁵⁹ PLATÃO. **Parmênides - Filebo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1974, v. 8. (*Col. Amazônica/Série Farias Brito*).

(*Mênon* 85d⁶⁰. grifos nossos). Este conhecimento que pode ser recuperado através da *Anámnese* está sendo denominado de ciência.

No diálogo *As Leis* Platão argumenta que a *Anámnese* é o ato de refluir uma memória ausente, Platão pensa esta noção ao comparar a *Anámnese* a uma “substância que escoar”.

Da mesma forma que quando alguma substância se escoar, necessariamente vem outra ocupar o seu lugar: assim, também, **a reminiscência é o refluxo de um pensamento ausente**. Por isso mesmo, precisamos abster-nos de todo excesso, assim no riso como nas lágrimas, devendo cada um exortar os outros a conter no seu íntimo a exuberância de alegria ou a dor exagerada e procurar mostrar-se firme, tanto nas oportunidades de êxito que seu demônio lhe desejar, como nas dificuldades levantadas por ele à guisa de obstáculos difíceis de vencer (*Leis*, V, 732b⁶¹ grifos nossos).

Nesse sentido, a *Anámnese* é uma sugestão de medida da memória como regra de conduta.

No diálogo *Fedro* Platão argumenta que a *Anámnese* é o modo de refletir e resgatar o que a ‘nossa alma adquiriu quando estava com a divindade’. Este seria o objetivo dos filósofos segundo Platão, a partir da ‘realidade composta pela multiplicidade para alcançar a Ideia e compreendê-la’. Assim nos diz Platão:

Realmente, a condição humana implica a faculdade de compreender o que denominamos ideia, isto é, ser capaz de partir da multiplicidade de sensações para alcançar a unidade mediante a reflexão. É a **reminiscência** do que nossa alma viu quando andava na companhia da divindade e, desdenhando tudo ao que atribuímos realidade na presente existência, alçava a vista para o verdadeiro ser. Daí, justificar-se só ter asas o pensamento do filósofo, porque este se aplica com todo o empenho por meio da **reminiscência** e foi devidamente iniciado nos mistérios. Indiferente às atividades humanas e ocupado só com as coisas divinas, geralmente passa por louco, já que o vulgo não percebe que ele é inspirado (*Fedro* 249b-d⁶² grifos nossos).

Portanto, a partir desse exercício, percebemos que no *Fédon*, Platão se estende na exposição sobre a *Anámnese*, estabelecendo uma análise mais aprofundada em relação ao *Mênon*, constatando que a *Anámnese* pode se dar tanto de algo semelhante como de algo diferente. Como também comprova a existência da imortalidade da alma. Já no *Filebo*, Platão apresenta a *Anámnese* diferente da faculdade da memória, esta serve como repositório das sensações, mas que só se denomina uma rememoração se a alma recuperar o conhecimento em si mesma. No *Fedro*, a *Anámnese* é o meio pelo qual o pensamento do filósofo se aproxima da unidade das ideias através da reflexão. E nas *Leis*, a *Anámnese* é

⁶⁰ PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² *Ibidem*.

comparada ao movimento de uma substância que quando escoar, necessariamente vem outra para substituí-la, como afirma o próprio texto, é o refluxo de um pensamento ausente.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho monográfico *Anámnese no Mênon de Platão*, nos fez inferir que a *Anámnese* para Platão é a palavra usada para nomear o extenso processo que a alma realiza em si, mas que parte do despertar motivado por alguma sensação, com o objetivo de recordar, isto é, de recordar a espécie de conhecimento, as noções universais. Por isso, a *Anámnese* está intimamente relacionada ao conhecimento, mais especificamente a sua busca.

Entendemos que a *Anámnese* no *Mênon* compreende o esforço que a alma realiza em si, quando Sócrates afirma que ‘recupera de si mesmo a ciência’. E esta ciência, como vimos, está associada a Teoria das Formas, que pretendemos nos aprofundar em pesquisa futura.

Passamos a compreender que saber o que vem a ser a virtude (*areté*) era uma questão que o movimento sofístico debatia e que Platão dá uma resposta no *Mênon*, conforme Cornford, 1989. A todo tempo Sócrates oferece os paradigmas a *Mênon* para pensar a definição da virtude do ponto de vista da unidade, isto é, diante da multiplicidade de virtudes captar a essência que é comum a todas elas. Essa questão serviu de base para um problema ainda maior: o problema do conhecimento. Este problema diz respeito ao confronto entre o pensamento sofístico e o platônico-socrático em relação à aquisição e possibilidade do conhecimento. Assim a *Anámnese* surge como garantia que possibilita o conhecimento, por isso, torna-se o momento mais estudado e belo do *Mênon*.

O diálogo *Mênon* de Platão, através do momento em que Sócrates conversa com o escravo, nos permitiu verificar o extenso apreço que Platão tinha pela geometria e pelas demais ciências matemáticas. O *Mênon* termina ainda sem estabelecer uma definição sobre a virtude, mas encerra afirmando que é por concessão divina que a virtude advém.

Portanto, compreendemos que a *Anámnese* possui íntima relação com o conhecimento e que, para nós, prevalece o argumento de Sócrates, “(...) Mas que, acreditando que é preciso procurar as coisas que não se sabem, seríamos melhores, bem como mais corajosos e menos preguiçosos (...)” (*Mênon* 86b⁶³). A busca constante pelo conhecimento deve nos tornar pessoas melhores *aretai*.

⁶³ PLATÃO. *Mênon*. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Loyola, 2001.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Edition revue par Leon Séchan e Pierre Chantraine. Paris, Hachete, 1984.
- BURKERT, Walter. **Religião grega na época clássica e arcaica**. Tradução de Manuel José Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- CARNEIRO, Oscar de Lira. **Aprender é recordar: conhecimento e aprendizagem por reminiscência no *Mênon* de Platão. (Tese de doutorado) USP-SP, 2008.**
- CASERTANO, Giovanni. A reminiscência no *Fédon*. **Archai**, n 18, 2016, p. 17-73.
- CORNFORD, F. M. **Principium sapientiae: As origens do pensamento filosófico grego**. Tradução de Maria Manuela Rocheta dos Santos; prefácio de W. K. C. Guthrie. 3 ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1989.
- DES PLACES, Édouard. **Léxique de La Langue Philosophique et Religieuse de Platon**. 2 reimp.; Paris: Les Belles Lettres, 1970. (*Oeuvres Complètes*, 14, 2 v).
- GONZAGA, Solange Maria Norjosa. Política e linguagem em Platão: as tematizações do *Político* e do *Fedro*. (**Dissertação de mestrado**). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 1998.
- GONZAGA, Solange Maria Norjosa. O homem como marionete dos deuses: uma leitura das *Leis* de Platão. (**Tese de doutorado**). Unicamp, Campinas/SP, 2006.
- HOUAISS, A. **Houaiss Dicionário eletrônico**. 2001.
- HESÍODO. **Teogonia**. Tradução de Ana Lúcia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra. Niterói: UFF, 1979.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Arthur M Parreira, adaptação para a edição brasileira Monica Stahel, revisão do texto grego Gilson Cesar Cardoso de Souza. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LUCENA, Maria Gorette Bezerra. A separação corpo-alma e a tranquilidade filosófica: um estudo sobre o *Fédon* de Platão. (**Dissertação de mestrado**) PUC-SP, 2005.
- PLATÃO. **A República**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- _____. **Fédon**. Tradução e Notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (*Os Pensadores*).

_____. **Fedro – Cartas – Primeiro Alcibíades**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1975, v. 5. (*Col. Amazônica/Série Farias Brito*).

_____. **Leis e Epínomis**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1980. v. 12,13. (*Col. Amazônica/Série Farias Brito*).

_____. **Mênnon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

_____. **Parmênides - Filebo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1974, v. 8. (*Col. Amazônica/Série Farias Brito*).

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da filosofia: filosofia pagã antiga**, Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. v.1

ROSS, David. **A teoria das ideias de Platão**. Tradução: Professor Marcus Reis. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008, p.10.

RUSS, Jacqueline. **Os métodos em filosofia**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2010.

SANTOS, José Gabriel Trindade. **Para ler Platão a ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. São Paulo: Loyola, 2008.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2006.

FISÍCA NET. **Pesos e medidas**. Disponível em: <<http://www.fisica.net/unidades/pesos-e-medidas-historico.pdf>>. Acesso em 01 dez 2017.